



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

VOZES CRÔNICAS

JULIANA DA SILVEIRA FURTADO

Rio de Janeiro

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

VOZES CRÔNICAS

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo.

Aluno(a): Juliana da Silveira Furtado
Orientador(a): Alessandra de Falco Brasileiro Lermen

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Furtado, Juliana

A474f Vozes Crônicas - Rio de Janeiro, 2023.
 78 f.

Orientador(a) : Alessandra de Falco
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2023.

1. espondilite anquilosante. 2. jornalismo
longform. 3. entrevistas. 4. jornalismo
literário. I. Falco, Alessandra de, II. Vozes
Crônicas.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Vozes Crônicas**, elaborado por Juliana da Silveira Furtado.

Aprovado por

Prof. Dra. Alessandra de Falco Brasileiro Lermen (orientadora)

Prof. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Prof. Dra. Mônica Pereira dos Santos

Grau:

Rio de Janeiro, no dia 11/12/2023

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que passaram pela minha vida e acreditaram nas minhas escolhas, principalmente a minha avó Alaine por todo incentivo e viabilização ao meu acesso a Escola de Comunicação da UFRJ e a minha avó Cleonice que, de outro plano, está vibrando com esse momento. Obrigada aos meus pais por terem me direcionado para o futuro através da educação. Ao meu pai, em especial, pela inspiração e motivação para que eu me tornasse uma pessoa melhor a cada dia. A minha mãe pela força e por dar combustível para minha independência. Ao meu irmão pela parceria e por todos os abraços silenciosos nos momentos que precisei. Aos meus amigos que me encorajaram nessa jornada, em especial Luís, Bia, Camila, Vinícius, André e Bea por todo carinho. Aos meus amigos Maria Clara e Lucas Corrêa que estiveram comigo desde o primeiro dia na UFRJ e tornaram essa caminhada mais leve, quando eu olho para trás e vejo que vocês estiveram lá, percebo que valeu a pena. A minha orientadora Alessandra de Falco, obrigada por todo cuidado, por todo direcionamento e por ter acreditado na minha produção, não tenho palavras para agradecer o seu encontro no final da graduação. Serei eternamente grata por todo o trabalho e disponibilidade. Muito obrigada a cada pessoa que contribuiu no trabalho prático, Emirielli, Manu, Roseane, Regiane, Fabi, Sandra e Hélio.

FURTADO, Juliana da Silveira. **Vozes Crônicas**. Orientador(a): Alessandra de Falco
Brasileiro Lermen. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

Este relatório apresenta o trabalho que contempla a importância da memória e narrativas de indivíduos portadores de espondilite anquilosante, uma doença crônica capaz de impossibilitar a mobilidade e equilíbrio dos afetados, a partir da reportagem Vozes Crônicas. O objetivo deste projeto é criar um ambiente virtual de troca de histórias e vivências dos pacientes, a fim de centralizar pessoas em uma comunidade independente, acessível e capaz de direcionar os interessados no assunto aos conteúdos informativos. A grande reportagem abre um espaço que valoriza essas pessoas, contando suas histórias a partir de entrevistas e um podcast informativo, além de buscar fortalecer os laços entre elas através de fóruns, que também permitem a interação com o público portador ou de quem acompanha indivíduos com a doença. A reportagem apresenta entrevistados diagnosticados com a doença e suas respectivas realidades, transformações de vida e dificuldades causadas pela condição. O relatório de produção do projeto mostra todo o processo de desenvolvimento, além da revisão bibliográfica que apresenta os conceitos de jornalismo longform, jornalismo literário e da própria espondilite anquilosante.

Palavras-chave: espondilite anquilosante; jornalismo longform; entrevistas; jornalismo literário.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Início da página Vozes Crônicas

Figura 2 - Parte da página Vozes Crônicas

Figura 3 - Paleta de cores utilizadas

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - A pauta

Tabela 2 - Cronograma de atividades de 2023

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. A Espondilite Anquilosante	3
3. Jornalismo longform	7
3.1. Jornalismo literário	7
3.2. Entrevista	9
4. A reportagem: Vozes Crônicas	11
4.1. A Entrevista	13
4.2. Cronograma das atividades	15
4.3 Visuais do site	16
5. Considerações finais	18
6. Referências bibliográficas	19

1. Introdução

Ser jornalista traz consigo a grande responsabilidade de contar histórias das mais diversas fontes de forma ética. Não é somente dar voz ao oprimido ou espaço ao invisibilizado, é utilizar seu conhecimento técnico como ferramenta de comunicação e transmissão de valores, vivências, sensibilidade e justiça.

Escolher esse tema foi uma determinação primeiramente pessoal, baseada em uma vida inteira de observações e ocupando um espaço de narradora quase que intrinsecamente, pois não é possível recordar o dia em que a condição do meu pai como portador da doença crônica espondilite anquilosante (EA) não afetou todas as esferas sociais que eu estava inserida. Não pretendo tornar este trabalho uma história sobre mim, mas ainda se faz necessário pontuar a partida, para que tudo fosse realizado com base em incômodos e afetos gerados em torno disso.

A primeira observação que me conduziu à idealização do projeto Vozes Crônicas foi a solidão. Os sintomas dessa condição trazem dores nas articulações e podem comprometer a mobilidade, equilíbrio e, como consequência, os portadores se deparam com uma vida inteira de desafios e impedimentos oriundos do progresso da doença.

Com o passar dos anos, meu pai, que apresento com muito orgulho, Júlio Furtado, foi atravessado por esse problema e teve sua vida modificada para sempre. Com as fortes dores, e outros sintomas, foi impossibilitado de trabalhar, não concluiu sua tão desejada trajetória acadêmica como queria, não esteve presente em inúmeros momentos em família, viagens, etc. Com isso, o vi afastado dos seus antigos ciclos sociais, em uma época que antecedeu a velocidade das conexões via internet, sendo muito difícil manter a mesma sociabilidade estando doente.

A solidão como início possui o poder de tornar qualquer conteúdo carregado de pontos negativos, mas neste caso serviu como combustível para a realização de algo palpável e com potencial de mudança neste cenário.

A partir deste contexto, observo que apesar de existirem inúmeros grupos nas redes sociais e sites sobre o assunto, sinto falta de um espaço centralizado para compartilhamento de histórias, testemunhos e encontro de uma comunidade de portadores da espondilite anquilosante, com o objetivo de enaltecer e homenagear a estas pessoas que, assim como meu pai, tiveram suas vidas prejudicadas pela condição.

A escolha do longform como formato, da linguagem do Jornalismo Literário e do uso de técnicas de entrevista foram determinantes para entender como seriam descritas as histórias dos personagens do projeto, sendo imprescindíveis para endossar cada relato compartilhado.

O projeto é aberto com um perfil do meu pai, a grande inspiração para a realização do trabalho, em um texto com inúmeras particularidades e narrativas baseadas em milhares de dias desfrutando de sua companhia, observando de perto suas dores e, principalmente, sua vontade de viver. Na sequência, é listada uma série de relatos e perfis de entrevistados diagnosticados com a EA e suas narrativas únicas, carregadas de superação.

Sobre a revisão teórica, o Capítulo 2 é uma conjectura a respeito do que é a doença, baseado em literaturas médicas de acadêmicos da área, como Como Simões e Silva, Xavier Juanola, Rosa Maria Dantas Costa, Maria Dolores Gonzalez Monteagudo e Amanda Serrano, que nos auxiliam a entender o que é a espondilite anquilosante e o universo que engloba a vida do portador. É importante ressaltar que o projeto não possui caráter científico sobre a doença, mas é necessário passar por essa contextualização a fim da preparação para o conteúdo que a reportagem traz.

No Capítulo 3 são expostos os pilares teóricos que embasaram todo o fundamento da pesquisa e prática do projeto, a partir dos estudos de autores que elucidam sobre o fazer jornalístico, com ênfase no longform e no jornalismo literário e nas técnicas de entrevista. Se faz a utilização de referenciais teóricos de autores como Luiz C. Martino, Ciro Marcondes Filho, Tom Wolfe, Alexandre Menezes, Nilson Lage, Carlos Tramontina, Bazerman e Rosa Arnoldi.

No Capítulo 4 encontramos o relatório das atividades executadas, desde a pauta jornalística até vivências laborais sobre o que foi pesquisado, bem como a exposição do trabalho prático no qual conheci os perfis que contribuíram para o projeto acontecer e explicações sobre o conteúdo, bem como alguns fragmentos visuais do site, paleta de cores e tipografia.

2. A Espondilite Anquilosante

A espondilite anquilosante (EA) é uma doença crônica autoimune e degenerativa que pertence ao grupo das espondiloartrites. Segundo informações do site do Dr. Drauzio Varella, é uma condição “incurável, que afeta as articulações do esqueleto axial, podendo causar (nos casos mais graves) lesões nos olhos, coração, pulmão, intestinos e pele”¹. A opção é conviver com a condição, realizando tratamentos que impeçam a evolução da doença. Sua causa ainda é um mistério, “[...] tende a ser hereditária, o que sugere que a genética esteja relacionada” (SIMÕES; SILVA, 2023, p. 2).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Reumatologia (2012), mesmo que ainda não exista cura para a doença, o diagnóstico e tratamento adequado consegue tratar os sintomas, conter o desenvolvimento da doença e manter a mobilidade das articulações atingidas, além de permitir que a postura do paciente continue saudável. Eles costumam relatar problemas de dor, rigidez, fadiga, perda de movimentos e incapacidade de realização de atividades motoras.

Em estudos mais recentes, a EA foi reclassificada e reconhecida em sua nova nomenclatura como Espondiloartrite axial ou não-axial. Este foi um tópico de discussão e estudo apresentado no EULAR 2021 (*The EULAR European Congress of Rheumatology*), entendendo que “se diferenciar as categorias entre Espondiloartrite Axial Radiográficas ou Não-Radiográfica, esta última, determinada quando os exames de imagem não apontam para problemas nas articulações sacroilíacas, local de comunicação entre a coluna vertebral e a bacia”². Essa nova nomenclatura sugere a ocorrência ou não da Anquilose, uma fusão óssea nas vértebras que causa o enrijecimento e comprometimento da mobilidade³.

Apesar de ser uma doença incurável, a EA possui tratamentos para atenuação de sintomas que podem ser recorridos através de serviços de saúde privados ou pelo Sistema Único de Saúde, para o diagnóstico e tratamento com medicações prescritas caso necessário. A viabilidade da doença é a principal questão pós diagnóstico, pois são avaliadas as condições com as quais cada paciente terá de lidar e adaptar a sua realidade. Essa questão é efêmera, pois pouco se conhece sobre a EA e o padrão de estilo de vida dos portadores.

É comum que os que tiveram diagnóstico da doença se afastem de suas atividades laborais, pois na fase do diagnóstico e primeiras performances da dor crônica, muitas

¹Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/espondilite-anquilosante/>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

²Disponível em: <<https://doutoraevelingoldenberg.com.br/wp/espondiloartrites/>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

³Disponível em: <<https://www.drlucianopellegrino.com.br/artigos/espondilite-anquilosante/>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

atividades são interrompidas devido a dor incapacitante. “Na fase da descoberta, é um grande impacto lidar com a dor, fadiga causada por várias impossibilidades corporais, pois é preciso manter o domínio da vida pessoal, social e profissional.” (SIMÕES; SILVA, 2023, p. 3).

A EA, até poucos anos, era uma doença sem parâmetros e diagnósticos bem definidos, o que causava uma demora na constatação do quadro espondilítico, muitas vezes junto ao agravamento da doença, resultando em suspeitas por observação de grandes danos causados. Era feito o diagnóstico retroativo de uma doença pelas consequências que poderiam ter sido evitadas (ROCHA, 2002). O encaminhamento de pacientes para profissionais da área médica adequada, como a reumatologia, pode tratar e conter os sintomas antecipadamente.

Há processos investigativos errôneos que tardam no diagnóstico da doença, podendo ser atrelados à falta de união entre especialidades médicas ou a falta de acesso a exames mais específicos. Para o Dr. Cristiano Campanholo, membro da Sociedade Brasileira de Reumatologia, isso significa que a ausência de tratamento e acompanhamento adequado da doença podem dificultar o combate a casos agressivos da doença.

O diagnóstico tardio, a demora para chegar ao especialista e iniciar o tratamento adequado tornam a jornada dessas pessoas ainda mais difícil. Esses fatos reforçam a importância de identificar precocemente a doença, acompanhar esse paciente e colocar à sua disposição tratamentos inovadores que vão ajudá-lo a conquistar mais qualidade de vida. (CAMPANHOLO, 2022)⁴

Como qualquer doença, a descoberta e diagnóstico correto nos primeiros sinais pode resultar em um tratamento de contenção de evolução do quadro clínico progressivo e degenerativo, caminhando para uma possível remissão, que é a fase da doença em que não há sinais de atividade. A ausência de sinais pode não significar a cura completa, podendo haver risco de recidiva.

A medicina evoluiu em exames de imagem que apontam a inflamação e regressão motora, o que pode se tornar a esperança para a diminuição de casos graves da doença. Conforme Menezes (2009), “Com o desenvolvimento de novos conceitos e tratamentos, e a disseminação destes, vem permitindo-se o diagnóstico mais precoce e a abordagem terapêutica direcionada e capaz de modificar o curso natural da doença”⁵.

⁴Disponível em:
https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2022/05/06/interna_bem_viver,1364755/campanha-com-bata-a-dor-alerta-sobre-inflamacao-das-articulacoess-da-coluna.shtml. Acesso em: 06 de junho de 2023.

⁵Disponível em:
<https://www.novafisio.com.br/avaliacao-da-qualidade-de-vida-de-pacientes-com-espondilite-anquilosante-com-a-utilizacao-do-questionario-sf-36/>. Acesso em: 06 de junho de 2023.

Quando se fala sobre a saúde e qualidade de vida de um portador da EA, esses fatores dependem do quanto a doença atingiu e intercepta o dia a dia do paciente. As variações dependerão dos sintomas, constância de atividades físicas, vivências, responsabilidades, trabalho, relacionamentos, fatores financeiros, entre outros.

Em momentos de crise da doença, principalmente nos primeiros sinais, o portador pode precisar de apoio de outras pessoas para a realização de atividades básicas, como confirmam Simões e Silva (2023, p. 3): “Muitos portadores precisam da ajuda de terceiros, e, pelo pouco conhecimento da doença, é possível constatar tratamentos sem eficácia. Desta forma, torna-se comum afastamentos em razão dos sintomas da EA”.

Existem muitas formas e vias tratáveis para a condição, mas sem dúvidas, para além do aparato médico, Simões e Silva (2023, p. 4) destacam o suporte social: “Um fator de proteção para a perda de produtividade no trabalho é o suporte social, que envolve o apoio da família e amigos para obter uma melhora nos hábitos cotidianos e aceitação do tratamento”.

A performance da doença varia de organismo para organismo, sendo os sintomas mais comuns, as dores que irradiam para a região lombar, sendo que o paciente sofre piora quando o corpo repousa a longo prazo e melhora quando há movimento. Manter a constância na realização de atividades físicas pode ser um desafio, pois os pacientes podem lidar com outras questões sociais como vida profissional, acadêmica e doméstica. Além disso, os portadores podem sofrer alterações de cunho psicológico, desenvolvendo quadros emocionais delicados e até depressão.

A dor crônica e a restrição de movimento relativas à EA podem levar a um aumento do estresse emocional. A incapacidade de realizar atividades diárias normais ou até mesmo atividades que antes eram prazerosas pode causar frustração e falta de esperança em melhorias no quadro clínico.

“A depressão e ansiedade são frequentes em pacientes com a Espondilite Anquilosante. Por se tratar de uma doença que afeta a qualidade de vida, muitos pacientes apresentam transtornos de ansiedade e até depressão, pois, alguns tiveram que abandonar trabalho, atividades rotineiras e com isso é comum apresentar sintomas de doenças psicológicas.” (JUANOLA, 2005)

As formas tratáveis da doença, para além do acompanhamento médico e uso de medicações, se expandem para o combate ao sedentarismo, pois, como supracitado, o repouso intensifica as dores crônicas. Em uma pesquisa desenvolvida por Dantas e Monteagudo (2008), as autoras apontam que a prática de exercício físico reporta benefícios ao nível de diversos componentes da qualidade de vida.

No presente estudo, estes benefícios foram conferidos, pois encontraram-se diferenças nas pontuações médias das componentes entre os praticantes e os não praticantes. Provou-se que os doentes que praticavam exercício físico apresentavam valores médios superiores nas componentes função e desempenho físico e saúde mental, comparando com os pacientes que não praticavam. (DANTAS; MONTEAGUDO, 2008, p. 9)

Citado por Dantas (2006), a qualidade de vida para Ribeiro (1997) implica a adoção de um estilo de vida adequado à sua doença e que seja promotor da saúde. A investigação levada a cabo por *Lim et al.* (2005) demonstrou que o exercício físico contribui, entre outros benefícios, para a diminuição da dor, aumento do bem-estar e, consequentemente, melhora da qualidade de vida.

Durante a evolução da doença, os portadores podem ou não desenvolver a deficiência adquirida devida a anquilose. Em sua não ocorrência, o portador, apesar de não ser categorizado como tal, sofre da deficiência invisível ou não aparente, categorizadas pelo Projeto Lei/2011 de Jânio Natal, artigo 4º: “É considerada pessoa portadora de deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias: Ser deficiente físico não o obriga a ser deformado. Existem deficiências aparentes e não aparentes”.

Apesar da doença apresentar consequências e danos irreparáveis ao organismo do portador, ainda há esperança que cada paciente se encaminhe de forma correta, atrelado ao bom acompanhamento de especialidades médicas e combinação de tratamentos em paralelo.

3. Jornalismo longform

O jornalismo longform pode ser interpretado como uma forma de reportagem mais extensa e aprofundada, se diferenciando do jornalismo tradicional e noticiado, que concentram informações diretas e factuais. O estilo de texto sugere uma exploração maior de personagens e contextos, com análises e narrativas que cativam o leitor. De forma prática, as reportagens produzidas no formato longform são mais longas do que as notícias, com narrativas extensas e com mais detalhes. A abundância do texto verbal sinaliza um resgate da qualidade, apuração e contextualização já conhecidos do jornalismo impresso, especialmente consagrados pela reportagem. (LONGUI; WINQUES, 2015)

O tipo de produção textual chama atenção e possui sua valorização devido a complexidade de apuração e contextualização no trabalho jornalístico. Além de toda construção da narrativa, requer tempo e dedicação na leitura por parte do público, pois não se

trata de uma escrita simples e rápida. Um ponto importante sobre o longform é que a dedicação para tornar o conteúdo final em um bom texto contribui para que a sua integridade reflita na veracidade e linearidade dos assuntos, não dando abertura para informações paralelas não apuradas, como sugere Baccin (2016, p. 3): “É a modalidade expressiva jornalística mais completa, além de ser a que pode reunir características de vários gêneros (informativo, interpretativo, opinativo)”.

O longform não se limita apenas na escrita, o estilo agrupa materiais multimídia, como audiovisual, infográficos e curadoria de imagens, tudo que possa embasar e documentar o objeto principal da narrativa. Isso indica que a preferência por publicações de forma *online* traz mais possibilidades no conteúdo. O texto longform encontra no webjornalismo e na grande reportagem multimídia um terreno fértil para consolidar suas características relativas às diferentes formas de apresentar as narrativas longas, sejam elas jornalísticas, de ficção ou não ficção. (LONGHI; WINQUES, 2015)

Em suma, o formato longform cumpre um papel importante no jornalismo atual, possibilitando uma plataforma flexível para a criação de narrativas minuciosas e complexas de forma cativante. Com o suporte das ferramentas e conhecimentos de multimídia da internet, permite que profissionais como jornalistas e escritores explorem cada vez mais as histórias, atendendo às demandas da sociedade no que se trata da carência de informações construtivas e verídicas das questões da atualidade.

3.1 O jornalismo literário

A comunicação constitui, desde sempre, parte do desenvolvimento da civilização. Baseado na necessidade de compartilhar informações, ideias e sentimentos, foi possível aprimorar essa habilidade para que a humanidade pudesse se transformar em um modelo de civilização da qual usufruímos hoje. A palavra "comunicação" tem origem no latim, que deriva do verbo "*communicare*", que significa "compartilhar, tornar comum". A originalidade dessa prática fica por conta dessa ideia de “romper o isolamento”, e nisto reside a diferença entre a *communicatio* eclesiástica e o simples jantar da comunidade primitiva. (MARTINO, 2001).

Essa prática remete a momentos para compartilharmos informações do dia, como um jantar em família, entretanto, no jornalismo existe uma prática em comum para definir os assuntos que têm mais importância e podem ser temas de matérias e de conversas, a chamada reunião de pauta, comum em setores do jornalismo para desempenhar as atividades e dar voz

na matéria aos assuntos que têm relevância para grande parte da população.

Durante o século XV, o inventor alemão Johannes Gutenberg contribuiu para o desenvolvimento tanto da comunicação, quanto do jornalismo, quando permitiu que textos de manuscritos fossem impressos, criando assim a imprensa de Gutemberg, e passando a influenciar na produção e divulgação de conhecimento, além do desenvolvimento da produção literária na Europa.

Para Marcondes Filho (2001), a influência da literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo. Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, não só comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. Um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência do jornalismo e da literatura.

Grandes escritores como Victor Hugo, Balzac, Stendhal, e outros grandes nomes da literatura podem ser considerados como precursores do jornalismo literário, com a publicação nos folhetins e a publicação de literatura em páginas de jornais. A liberdade temática propiciada pelo Jornalismo Literário costuma atrair jornalistas e leitores para esta modalidade, principalmente em momentos nos quais as pessoas procuram compreender mais profundamente os fatos ocorridos, para vislumbrar a causa de eventos de grande proporção.

O termo jornalismo literário foi codificado com o significado atual por Tom Wolfe, em uma coleção de artigos de jornalismo de 1973, publicados como *The New Journalism*, que incluía trabalhos do mesmo e de outros autores como: Truman Capote, Hunter S. Thompson, Norman Mailer, Joan Didion, Terry Southern, Robert Christgau, Gay Talese, entre outros.

Segundo Menezes (1997, p. 22), "os jornais se aproximam hoje das revistas como as revistas dos livros. E com isso se transformam, cada vez mais, em instrumentos de um autêntico gênero literário". Essa metodologia é pontual para estabelecer a relação entre leitor e o conteúdo jornalístico, uma vez que a informação surge a partir da construção de uma narrativa mais forte e pessoal.

O estilo jornalístico, sem as exigências do estilo literário propriamente dito, passa a obedecer a outras exigências. Sem se afastar da simplicidade, sem excluir a precisão informativa, o jornalista se vê, entretanto, compelido a usar frequentemente uma linguagem desnecessária em fases de ampla liberdade de informação. (MENEZES, 1997, p. 26-27)

A subjetividade possui um papel importante na questão de interpretação, apelo e imaginário, pois é uma técnica que se distancia de simplicidade e objetividade. Neste, preza a

riqueza de detalhes e a abrangência de informações.

A partir desse desenvolvimento e da mescla do jornalismo e da literatura, surge o estilo de texto que hoje conhecemos como jornalismo literário, que busca uma abordagem mais aprofundada, rica em detalhes e um trato mais humano.

3.2 Entrevista

Ser jornalista é estar em um lugar como porta-voz sobre qualquer assunto, pois temos o papel de divulgar notoriedade. A entrevista é uma ferramenta que proporciona difundir esse ideal. Com um trabalho de apuração de fontes, conhecimento, estudo de campo, é criado um imaginário de conflitos capazes de gerar opiniões.

O jornalista deve ser capaz de elaborar questionamentos a serem respondidos e garantir a veracidade das informações postas, garantindo os direitos e preservação dos interesses e ideais do entrevistado ou personagem central do texto, como segurança, identidade e compromisso com a verdade. “O entrevistado deve sentir-se à vontade e o entrevistador explicar ou pedir explicações sobre enunciados muito técnicos ou especializados que afloram na conversa: trata-se de colocá-la ao alcance do público” (LAGE, 2017, p.38). Além disso, a entrevista é uma fonte de declarações diretas dos participantes da narrativa, apoiando na profundidade das histórias, que junto ao objeto central, criam um fluxo contínuo de informações.

Através da construção desses questionamentos é garantido o material para composição de uma grande reportagem. Segundo Tramontina (1996, p. 15), sobre o entrevistador, “cada um desenvolve um estilo próprio, prepara-se de maneira diferente e usa de variadas estratégias para conseguir boas respostas. Além disso, ao idealizar as perguntas, é necessário que sejam feitos questionamentos que fujam de respostas básicas e monossilábicas, para dar abertura na elaboração de respostas com informações detalhadas que construam e alimentem a narrativa.

Entende-se que a criação do conteúdo provém do resultado de ações para a construção de uma narrativa, que envolve desde a criação da pauta, até a publicação.. Tal ideia é reforçada com Bazerman (2005, p. 26): “É claro que, para nossas palavras realizarem seus atos, elas devem ser ditas pela pessoa certa, na situação certa, com o conjunto certo de compreensões”. Isso confirma a necessidade de elaborar as perguntas com antecedência e estar, pelo menos, o mínimo inserido no contexto do assunto a ser seguido.

Para Nilson Lage (2001), a entrevista é um gênero de apuração constituído na coleta de informações e interpretações diretamente com o entrevistado. A entrevista é uma ferramenta para obter informações em primeira mão, permitindo que os jornalistas consigam informações exclusivas e ofereçam aos leitores uma visão mais minuciosa do assunto em questão.

“O gênero jornalístico consiste em apresentar, sob forma de notícia, perguntas, respostas ou redação discursiva, com ou sem dados ou perfis biográficos, o depoimento do entrevistado” (LAGE, 2001, p. 57). A entrevista deve ser redigida com qualidade, pois o gênero requer o compromisso de transparecer vivências, opiniões e o alinhamento do jornalista com o entrevistado. Dentro da entrevista é possível ir além de biografias, se tornando uma ferramenta investigativa. Ao dar espaço e tempo para o entrevistado, a condução da entrevista é guiada pelo jornalista para compor o máximo de informações possíveis sobre o objeto de interesse.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, da maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço e tempo. (ROSA; ARNOLDI, 2006).

A entrevista não deve ser uma mera ferramenta para difundir informações, mas deve ser usada como porta voz de opiniões que caracterizam o entrevistado, sem foco no profissional jornalista como participante, pois este ocupa o lugar de intermédio, criando a oportunidade de resgatar opiniões e diferentes perspectivas acerca do entrevistado, a fim de estruturar uma nova história.

4. A REPORTAGEM; VOZES CRÔNICAS

A ideia de criar o projeto Vozes Crônicas veio a partir da vontade de produzir uma coletânea de histórias com personagens portadores da Espondilite Anquilosante (EA). Junto ao material escrito, obtido através das entrevistas, apresentar materiais em diferentes formatos e unir a escrita literária tornaram-se objetivos deste trabalho.

No primeiro contato com a minha orientadora, a ideia inicial era criar uma grande reportagem sobre os desafios do mercado de trabalho para pessoas com deficiência, mas, contando das minhas inspirações, ela trouxe a ideia de fazer o recorte para a condição que meu pai tinha, que foi a principal inspiração do meu processo criativo, que reverteu-se na vontade de desenvolver um projeto de conclusão sobre o tema.

Apresentar a EA no papel de (quase) jornalista foi um grande desafio, principalmente, por ser uma temática na área da saúde, que pedia total atenção e dedicação para compreensão técnica. Repensei o tema algumas vezes, devido à proximidade com uma realidade muito pessoal, mas resolvi encarar.

Nas orientações iniciais fui engajada a ler e escrever sobre o tema e estudar as técnicas jornalísticas necessárias para divulgá-lo, o que me estimulou ao hábito da leitura e a procurar saber o que determinados textos necessitam, em termos de linguagem, para gerar aproximação com o público alvo, do qual fazem parte as próprias fontes, portadores de EA.

Assim, foi possível focar na construção do imaginário de como seria esse projeto visualmente e de como poderia encaixar tantas histórias em uma grande reportagem. Quando escolhi o formato de produto jornalístico, ao invés de uma monografia que poderia aprofundar o assunto, a partir da revisão da literatura pertinente - o que ainda pode ser uma opção para um trabalho futuro, um mestrado, por exemplo -, seguimos em direção da criação de um *longform*, unindo a escrita literária para trazer a sensibilidade e humanidade que os personagens precisavam, o que foi sentido no contexto das entrevistas.

A internet possui um universo de possibilidades, sendo que a capacidade de acesso e facilidade de leitura pelo público foram levados em consideração. Mas, como a EA é uma doença rara, não foi fácil encontrar personagens que estivessem disponíveis para participar do projeto, mas neste caminho encontrei algumas pessoas interessadas e dispostas a reviver suas histórias com muito respeito e solidez.

Quem tem EA sabe que o diagnóstico pode trazer alívio - levando em conta a possibilidade de melhora na qualidade de vida e tratamento -, mas também há a negação da doença, por se tratar de uma condição degenerativa.

Assim, o intuito deste trabalho é conhecer cada vez mais portadores da EA e trazer no formato de entrevista, uma escrita que valorize o nicho e dê, para os leitores, esperança em uma vida com saúde e perspectiva de longevidade.

Todos os participantes do projeto foram contatados através do Instagram, onde tive acesso aos perfis de pessoas portadoras da condição, utilizando ferramentas como hashtags e busca por perfis/microblogs sobre o assunto. De pronto, obtive algumas respostas rápidas, seguidas de disponibilidade para as entrevistas, que ocorreram no formato online, via Google Meet, pois conversei com participantes oriundos das regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste.

No primeiro momento, idealizamos que as entrevistas acontecessem pessoalmente, participando de encontros em que pudéssemos observar as vivências, jeitos, emoções, mas

devido ao tempo e também à condição instável de saúde dos portadores da EA, esse modo foi repensado. Mas, sinto que as entrevistas não foram prejudicadas, pois encontrei neste caminho pessoas com muita disposição e vontade de colaborar.

A plataforma utilizada para hospedar a reportagem foi o Wordpress, que é uma alternativa para a criação de sites disponíveis de forma gratuita, podendo ser gerenciado de modo intuitivo, sem a necessidade do uso de linguagens de programação. No Wordpress, a ideia foi manter um visual simples, que pudesse comportar de forma organizada os personagens e a reportagem sobre o tema. O endereço do projeto pode ser acessado através do link vozescronicas.com.

A reportagem começa abordando o que é a Espondilite Anquilosante, seguido de um texto autoral sobre a pessoa que mais inspirou e nutriu forças para este trabalho acontecer: meu pai. O texto se chama “Um dia” e conta com um relato íntimo de uma vida observadora, carregada de indagações, em tom de homenagem. Na sequência, é apresentado o perfil de cada entrevistado, em uma narrativa construída através do bate-papo online. O texto somado à imagem ilustra cada personagem do projeto.

4.1 As entrevistas

Para o jornalista Nilson Lage (2017), o repórter precisa fazer antes uma pesquisa e saber quais serão as perguntas utilizadas no momento da entrevista. Apesar das entrevistas realizadas não terem o caráter de perguntas e respostas, precisei formalizar o ritmo em que elas ocorreriam para possibilitar a produção da narrativa com uma escrita literária. No lugar de entrevistadora, utilizei minhas observações para captar a experiência do espaço obtido, do encontro. Em sua maioria, os participantes estavam em casa, ao lado de parentes que, de forma indireta, davam apoio e contexto familiar. O ponto em comum de cada entrevista foi, sem dúvidas, a zona de conforto criada dentro de inúmeros relatos sobre a desconformidade das realidades e desafios encontrados singularmente.

Para trazer coerência, organizei o espaço da entrevista iniciando por uma apresentação da minha parte e tornando o encontro em um espaço livre para diálogo, troca, acolhimento, e me preparei para ouvir tudo o que o participante achasse pertinente compartilhar. As entrevistas tiveram aproximadamente 1h30 de duração, sendo realizadas via Google Meet. O conteúdo das entrevistas foi transscrito e não gravado, por escolha dos entrevistados.

As entrevistas serviram de espaço para desabafos, dores, pensamentos e sentimentos difíceis que permearam a vida dos portadores da EA, mas a abordagem foi, a todo momento,

pensada para resultar em uma narrativa pessoal, sem caráter pejorativo ou que prejudicasse a integridade moral do entrevistado.

Através das entrevistas, pude entrar em contato com diversas pessoas que acrescentaram suas vivências e me deram a chance de complementar pontos que eu, como futura jornalista, não enxergaria sobre a doença, pilar do trabalho, sem a aproximação emocional com as fontes. A entrevista foi uma metodologia que enriqueceu e trouxe humanização para o trabalho.

Além das entrevistas, foi realizada a produção de uma entrevista em formato de podcast com a Dra. Ana Clara Gazeta, especialista em reumatologias e estudiosa do campo das Espondiloartrites. A entrevista foi realizada no formato ping-pong, com o objetivo de trazer pontualidade e objetividade ao trabalho.

A produção das entrevistas e da reportagem foi idealizada a partir da pauta construída no início do projeto, que serviu de norte e objetivação do que seria realizado e organizado. Abaixo, a pauta da reportagem:

TABELA 1 - A pauta

AÇÕES ESTRUTURANTES	ELEMENTOS CHAVE	DESCRIÇÃO E INFORMAÇÕES
1.Proposta de Pauta	1.1.Lead 1.2.Veículo Alvo 1.3.Formato Previsto 1.4.Deadline	1.1. A espondilite anquilosante é uma doença degenerativa autoimune que compromete o equilíbrio e mobilidade dos pacientes detectados. Nesta reportagem online serão contadas histórias de pessoas portadoras da espondilite anquilosante e como a doença transformou a vida pessoal e profissional pós diagnóstico. 1.2. Internet, grupos de Facebook, WhatsApp 1.3. Site Wix 1.4. 27/10
2.Pré-apuração	2.1.Ponto de partida (indícios da história)	2.1. Relatos, história, dia-a-dia dos portadores. 2.2. Como a doença compromete a vida, ciclos sociais, redes de apoio,

	<p>2.2. Valores Notícia</p> <p>2.3. Origem da pauta</p>	<p>família, lazer e qualidade de vida.</p> <p>2.3. O tema abordado foi inspirado na condição do pai da autora Juliana Furtado, paciente portador da espondilite anquilosante, deficiência adquirida, e como a doença transformou a história da família, em seu fator comprometedor da saúde e socioeconômico. Em uma trajetória que soma 25 anos desde o diagnóstico, mudanças e conscientização do imaginário de portadores de deficiência fizeram parte do cotidiano.</p>
3. Angulação	<p>3.1. Hipóteses / Eixos</p> <p>3.2. Narrativa</p>	<p>3.1. A doença espondilite anquilosante interfere de forma progressiva na vida dos portadores.</p> <p>3.2. Mostrar através de uma escrita sensível a realidade dos pacientes.</p>
4. Questões de Partida	<p>4.1. Geral</p> <p>4.2. Específicas</p>	<p>4.1. Como a condição afeta a vida dos portadores?</p> <p>4.2. Quais mudanças essas pessoas sofreram? Qual o olhar para o futuro? Questões econômicas e de tratamento.</p>
5. Metodologia da Reportagem	<p>5.1. Fontes Primárias</p> <p>5.2. Fontes Documentais e Dados</p> <p>5.3. Locais de Apuração</p> <p>5.4. Técnicas de Apuração</p>	<p>5.1. Contato com participantes de grupos de portadores da doença a nível regional e nacional no Facebook e WhatsApp.</p> <p>5.2. Entrevistas e relatos online.</p> <p>5.3. Online</p> <p>5.4. Entrevistas online.</p>
6. Planejamento do Campo	<p>6.1. Equipe</p> <p>6.2. Inventário</p> <p>6.3. Plataforma de Armazenamento</p> <p>6.4. Medidas de Segurança</p>	<p>6.1. Juliana Furtado</p> <p>6.2. Celular, computador</p> <p>6.3. Google Drive</p> <p>6.4. Declaração de uso de imagem para os personagens.</p>
7. Produção Textual	<p>7.1. Narrativa</p>	<p>7.1. Entrevistas que serão realizadas entre Maio e Setembro/2023</p>

	7.2.Edição	7.2. Vídeo e áudio das entrevistas para inserção de material multimídia e tratamento de imagens que serão imagens enviadas.
8.Orçamento	8.1.Aquisições 8.2.Manutenção de Equipamentos 8.3.Deslocamentos (Campo) 8.4.Alimentação 8.5.Hospedagem 8.6.Outros 8.7.Total	8.1. N/A. 8.2. N/A. 8.3. N/A. 8.4. N/A. 8.5. N/A. 8.6 N/A. 8.7 N/A.

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

4.2 Cronograma de atividades

A produção deste projeto foi realizada no período entre abril de 2023 e outubro de 2023. O uso do cronograma elaborado junto à orientadora auxiliou no planejamento de cada etapa do processo, tornando os objetivos claros e organizados, desde a fase de início até a finalização, dentro dos acertos e revisões feitas junto à orientação. Abaixo, cada atividade e o mês em que foram realizadas.

TABELA 2 – Cronograma de atividades de 2023

Mês	Atividades
Abril	Início da pesquisa; Aceite do orientador; Definição do formato; Inpirações para o projeto;
Maio	Realização da pauta; Rascunho da ideia pré-textual; Entrevistas; Definição das referências bibliográficas; Desenvolvimento do trabalho escrito;

Junho	Entrevistas; Relatório de produção; Escrita da reportagem;
Julho	Entrevistas; Relatório de produção; Escrita da reportagem;
Agosto	Entrevistas; Relatório de produção; Escrita da reportagem; Construção do site;
Setembro	Relatório de produção; Construção do site; Edição do podcast;
Outubro	Relatório de produção; Construção do site; Edição do podcast;
Novembro	Revisão final; Envio para a banca examinadora;

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

4.3 Visuais do site

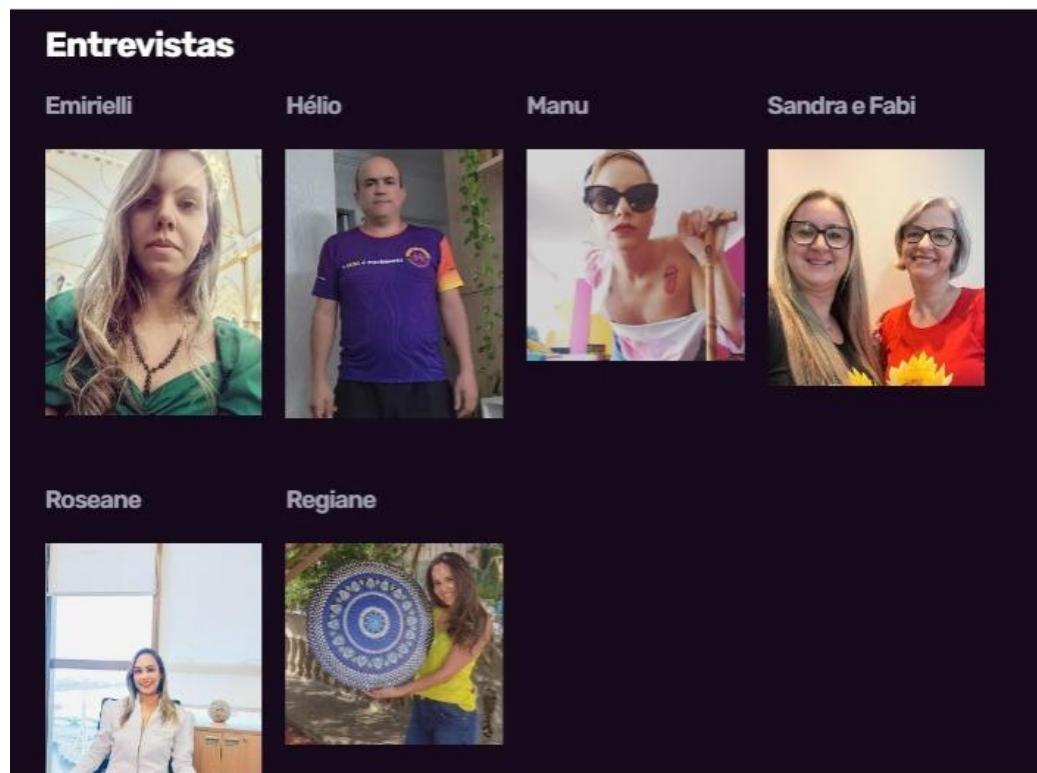
Abaixo alguns fragmentos visuais da página, ainda que em construção, para a observação das propostas do trabalho prático. O site pode ser melhor visualizado em sua versão mobile e tablet, ainda que seja possível pelo computador, mas carece de ajustes.

Figura 1 - Início da página Vozes Crônicas



Fonte: Captura de Imagem da página Vozes Crônicas. Elaborado pela autora.

Figura 2 - Parte da página Vozes Crônicas



Fonte: Captura de Imagem da página Vozes Crônicas. Elaborado pela autora.

Figura 3 - Paleta de cores utilizadas



Fonte: Captura de Imagem da página. Elaborado pela autora.

5. Considerações finais

Falar sobre jornalismo é um desafio enquanto uma ferramenta, pois não há limites para sua evolução, partindo das possibilidades do uso de recursos tecnológicos e o que podem oferecer para a construção e divulgação de informações . Enquanto meio e veículo, cresce a capacidade cabe disseminar princípios de representatividade, tornando-se canais abertos para diversidade de assuntos.

A Espondilite Anquilosante, sendo uma doença rara, trata-se de um assunto pouco pautado, referindo-se a uma minoria na sociedade, exemplificando a carência de soluções mais assertivas, como a estruturação de acesso à informação ainda nas bases médicas. Observou-se que, dentro de cada entrevista realizada, em meio a singularidade de cada indivíduo, existem elos e denúncias acerca do tema, como a demora no diagnóstico, a falta de informação e conhecimento. Surge um questionamento: E se as pessoas soubessem de doenças raras na mesma proporção que outras com mais ocorrência? ou Como tornar possível a disseminação ou concentração de dados informativos sobre a EA?

Enquanto jornalismo, urge a necessidade de utilizar meios de comunicação para a publicação de materiais que tragam o tema à tona, dando voz aos invisibilizados e possibilitando um espaço de acolhimento e esperança. O uso de linguagem simples, jornalismo literário e materiais multimídia que caracterizam a reportagem *longform* trazem uma série de conteúdos capazes de incrementar e performar os relatos apresentados. O projeto Vozes Crônicas é um ponto de partida para a motivação e criação de vias mais especializadas no assunto, incentivando cada vez mais pessoas a falarem sobre o tema e contribuir para o acolhimento de inúmeras pessoas.

Em síntese, o Projeto Vozes Crônicas buscou contribuir para a viabilização de informação e troca de afeto e colaboração com os portadores da Espondilite Anquilosante, para que nunca mais se sintam sozinhos nessa jornada de autoconhecimento.

Para além do universo da EA, seria de enorme contribuição para a comunicação poder contar com órgãos públicos como Ministério da Saúde e Organização Mundial da Saúde, em suas proporções e alcances, para a humanização das relações entre pacientes e áreas médicas e a própria criação de comunidades de fácil acesso e troca de experiências, assim como disponibilização de dados atualizados e pesquisas de campo sobre o tema.

6. Referências Bibliográficas

- BACCIN, Alciane. A narrativa longform em reportagens hipermídia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 14, n. 1, p. 89-101, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n1p89>. Acesso em: 8 set. 2023.
- BARROS, P. D. S. *et al.* Consenso Brasileiro de Espondiloartropatias: espondilite anquilosante e artrite psoriásica diagnóstico e tratamento – primeira revisão. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 47, n. 4, p. 233-242, jul./ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbr/a/XsRH4WPd7gKSQgFqqYGTKNx/>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- COTA, E. C.; COSTA, M. M. O. Direito fundamental das pessoas com deficiência não aparentes. In: Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2., 2016. **Anais**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/22822>. Acesso em: 23 maio 2023.
- COSTA, M. R. D.; MONTEAGUDO, M. D. G. Espondilite Anquilosante: o exercício físico como reabilitação e promotor da qualidade de vida. **Motricidade**, Portugal, v. 4, n. 2, p. 12-21, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2730/273020552003.pdf>. Acesso: 23 nov. 2023.
- GOLDENBERG, Eveling. **O que há de novo sobre a espondiloartrite axial?** Reumatismo em Foco. Disponível em: <https://doutoraevelinggoldenbergs.com.br/wp/espondiloartrites/>. Acesso em: 15 maio. 2023.
- Remissão.** Grupo Oncoclínicas. Disponível em: <https://grupooncoclinicas.com/glossario/remissao#:~:text=Fase%20da%20>. Acesso em: 29 maio. 2023.
- Imunobiológicos e Espondilite Anquilosante.** Dr. Leandro Finotti. Campo Grande. Disponível em: <https://www.drleandrofinotti.com.br/artigo/imunobiologicos-e-espondilite-anquilosante/78#:~:text=As%20indica%C3%A7%C3%B5es%20dos%20imunobiol%C3%B3gicos%20na>. Acesso em: 23 abril. 2023.
- Terapia Imunobiológica.** Dr. Leandro Finotti. Campo Grande. Disponível em: <https://www.drleandrofinotti.com.br/terapia>. Acesso em: 15 maio. 2023.
- JUANOLA, X. **Factores psicológicos en la espondilitis anquilosante. Estudio de prevalencia y factores determinantes.** Barcelona: Universitat de Barcelona, 2005. Disponível em: <https://www.tesisenred.net/handle/10803/1092>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LONGHI, R. R.; WINQUES, K. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 110–127, 2015. DOI: 10.25200/BJR.v11n1.2015.693. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693>. Acesso em: 29 set. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo:** a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2001, 2. ed.

MENEZES, Alixandre. Avaliação da qualidade de vida de pacientes com espondilite anquilosante com a utilização do questionário SF-36. **Revista Nova Fisio**, v. 101, 2009. Disponível em: <https://www.novafisio.com.br/avaliacao-da-qualidade-de-vida-de-pacientes-com-espondilite-anquilosante-com-a-utilizacao-do-questionario-sf-36/>. Acesso em: 29 maio 2023.

PELLEGRINO, D. L. **Espondilite Anquilosante.** Disponível em: [https://www.drlucianopellegrino.com.br/artigos/espondilite-anquilosante/#:~:text=Enrijecimento%20da%20coluna%20\(anquise\)%20devido](https://www.drlucianopellegrino.com.br/artigos/espondilite-anquilosante/#:~:text=Enrijecimento%20da%20coluna%20(anquise)%20devido). Acesso em: 15 maio. 2023.

ROCHA, F. (2002). **Espondilite Anquilosante – os factos.** Alcabideche, direcção da ANEA.

ROCHA, F. (2002). **Manual da Espondilite Anquilosante.** Lisboa, Secretariado Nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência.

ROSA, M. V. F. P. de.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SERRANO, Amanda. **Campanha ‘combata a dor’ alerta sobre inflamação das articulações da coluna.** Estado de Minas, 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2022/05/06/interna_bem_viver_1364755/campanha-combata-a-dor-alerta-sobre-inflamacao-das-articulacoess-da-coluna.shtml. Acesso em: 15 maio. 2023.

SIMÕES, P. D. L. S.; SILVA, G. M. DA. Espondilite Anquilosante. **Revista Estudos e Negócios Acadêmicos**, v. 3, n. 5, p. 107–112, 31 jan. 2023.

SOUZA, M. C. de. *et al.* Avaliação do equilíbrio funcional e qualidade de vida em pacientes com espondilite anquilosante. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 48, n. 5, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbr/a/nZPb8WJdhzJcX9TCrjzwVtk/#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20resultados,indicam%20comprometimento%20grave%20do%20equil%C3%ADbrio>. Acesso em: 23 nov. 2023.

TRAMONTINA, Carlos - “**Entrevista**” . São Paulo, Globo, 1996. Vilas Boas, Sergio. O estilo magazine: o texto em revista – São Paulo – Summus Editorial – 1996.

VARELLA, D. **Espondilite anquilosante.** Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/espondilite-anquilosante/>. Acesso em: 15 maio. 2023.

VILAS-BOAS, Sérgio. A arte do perfil. **Revista Biblioteca Entrelivros.** São Paulo, n. 11, p. 38-41, ago. 2008.